



## SER BEIRAMOVENTE A CONDIÇÃO CONTEMPORÂNEA<sup>[1]</sup>

## BEING BEIRAMOVENTE THE CONTEMPORARY CONDITION

Elisa de Magalhães<sup>1</sup>  
PPGAV/UFRJ e PPGARTES/UERJ  
Associado/a/e ANPAP: não

### RESUMO

O artigo apresenta o quase conceito beiramovente, como a condição contemporânea de existência. O ponto de partida é a leitura que Jacques Derrida faz do poeta Francis Ponge, no livro *Signéponge = Signsponge*, e do poema *À mesa*, de autoria de Ponge. A história do Minotauro e do fio de Ariadne, bem como a desconstrução da colonialidade, operada por Derrida em sua obra filosófica, dão apoio ao desenvolvimento deste texto que apresenta o quase conceito, sem defini-lo completamente, já que trata-se, desde sua origem de uma instabilidade.

**Palavras-chave:** Beiramovente. Instabilidade Arte contemporânea. Condição do artista. Desconstrução da colonialidade.

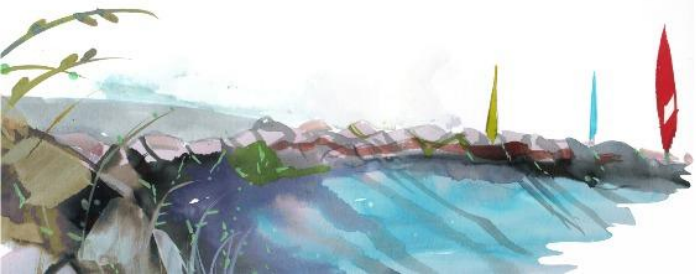
### ABSTRACT

*This article presents the quasi-concept beiramonte as the contemporary condition of existence. The starting point is Jacques Derrida's reading of the poet Francis Ponge, in the book *Signéponge = Signsponge*, and of Ponge's poem *À mesa*. The story of the Minotaur and Ariadne's thread, as well as the deconstruction of coloniality, operated by Derrida in his philosophical work, support the development of this text that presents the quasi-concept, without defining it completely, since it is, from its origin, an instability.*

**Key-Words:** *Beiramovente. Instability. Contemporary art. Artist's condition. Deconstruction of coloniality*

Começar pelo meio, ou... descomeçar.

Na iminência, descomeço.



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Mais uma vez. Procuo o fio de Ariadne. Que me escapa sem parar, que escorre de minha mão como água que não limpa, mas suja como condição do limpar. O que me guia.

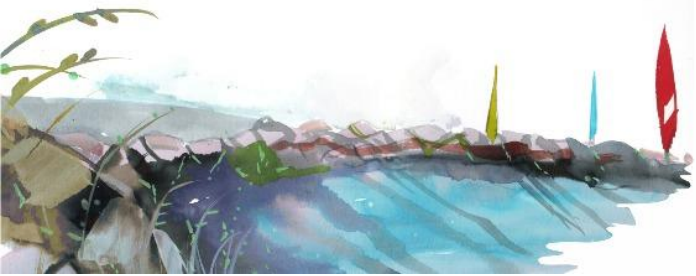
Não. Descomeço como quando invento mundos e os dou a ver. Esta é a condição de possibilidade da existência do artista. E na beira do abismo, vivo o acontecimento daquele mundo inventado como experiência artística. Fico na beira, posta em abismo, mas beiramovente, na impossibilidade de estabilidade: é necessário resistir para ali permanecer e não ser tragado para o centro. Mas centro de que mesmo?

Lembro do horizonte de eventos, a área que cerca o buraco negro. Ali tudo gira de acordo com a força gravitacional e na mesma direção dela, na beira do buraco espacial. Posiciono-me beiramovente, sem certezas ou estabilidade. Beiramovente não é um lugar, mas um estado ou qualidade e nele/nela, só há a iminência do abismo. Descomeçar, descomeçar sempre das beiras e margens, jamais do centro ou somos sugados para o buraco negro e nos tornamos singularidade.

Posiciono-me como beiramovente, isto é, na borda e em movimento. Toda borda ou toda beira é beira de algo. Beira que só existe em relação. Onde me coloco em movimento, não estou em estase, mas em movimento na beira. Movente na beira, tanto pode ser na iminência da queda, quanto pode ser um pouco mais recuado. Ao viver na beira, vivo com a desenvoltura de quem tem que escapar. Escapar do grande atrator, do devorador de galáxias. Escapar. Intangível e intocável pelo buraco negro. Esperteza do movimento e da fuga. Na fuga é preciso não se apavorar, correr sem desespero, no ritmo das batidas do coração. Tum, tum, tum...

Mas de que água falei que não limpa, mas que suja como condição de limpar?

Referia-me à máquina de Francis Ponge, do poema *À mesa*, quando percebia as mãos molhadas e sujas, por isso descomeçava. Recorro à leitura que Jacques Derrida fez do escritor e poeta, no livro *Signéponge = Signsponge*. Derrida fazia um jogo de palavras com o sobrenome Ponge e o objeto *éponge*, esponja em português. Para



# extremos

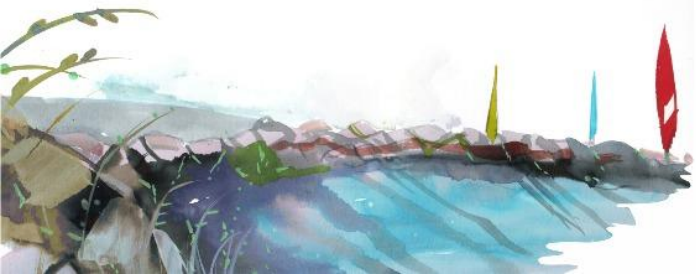
34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

limpar, a esponja absorve a sujeira no processo de lavagem. Derrida comentava que é preciso que o texto se molhe, se suje e se limpe para revelar-se como escritura, a lavagem seria esse processo.

Curioso pensar na escrita se revelando como escritura. Como se a escrita pudesse se revelar em algum lugar fora... Como uma fotografia revelada pelo método analógico, que vem surgindo, pouco a pouco na bacia do revelador. Em seguida coloca-se o papel fotográfico na bacia do fixador... para interromper a revelação! e, ao final, lava-se o papel para que neutralize a ação dos reagentes químicos usados anteriormente. É preciso lavar para que a escritura surja.

Mas comecei essa fala pelo fio de Ariadne que me escapava da mão, como se fora de água. Ariadne é filha dos Reis de Creta, Minos e Pasífae. Pasífae dá à luz a um corpo estranho, nascido de um amor proibido: meio touro, meio homem, o Minotauro. Minos pede a Dédalo que construa um labirinto para manter preso o Minotauro, de maneira que uma vez dentro, ninguém jamais consiga sair. Minos decreta que o monstro deveria ser regularmente alimentado com o sacrifício de sete moças e sete rapazes, vindos de Atenas. Porque Minos havia vencido a guerra. Teseu, filho do rei de Atenas, Egeu, se oferece aos habitantes de Atenas para matar o Minotauro, e entra no labirinto como um dos 14. Ariadne, que se apaixona por Teseu à primeira vista, decide ajudá-lo, desde que ele a leve para Atenas, quando se casariam, e dá a ele uma espada e um fio de lã, que o ajudará a sair do labirinto. Senhora do labirinto, Ariadne, que sabe entrar e sair dos inúmeros corredores e câmaras, segura a outra ponta do fio, que finge tecer, aguardando o amado. Ariadne sai de Creta com ele, em seu navio, mas jamais chega a Atenas. O perverso príncipe, que usou a paixão da deusa, mas não estava apaixonado por ela, a abandona em Naxos. O fio que ajudou o traidor Teseu escorre como água pelas mãos da princesa abandonada.

Recomeço em estado beiramovente. Ao ser beira, tanto sou beira de um centro, como posso ser beira bem afastada de um cerne. Mas é sempre da beira que vos falo



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

beiramovente, instável, lutando para não ser sugada pelo foco. Repito, estar à beira ou ser beiramovente é não aceitar a queda ou a iminência dela, é lutar.

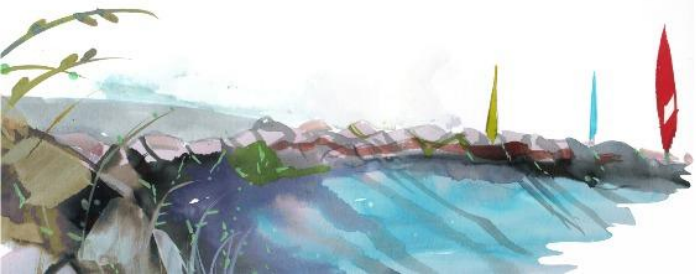
Escrevi um texto, antes deste, no qual estabeleço a ideia de beiramovente. Recomeço, portanto. Foi pondo-me em relação com as sabedorias de originários e de diaspóricos, que achei um caminho para esse estar beiramovente. Imaginemos um abismo *zerodimensional*, e como estar diante de um, bem na beira, mas atravessado por conhecimentos e epistemologias que aconteceram e acontecem ao lado de e em nossas existências. E cruzam e se cruzam, acabam com certezas, causam dúvidas, estabelecem instabilidades. Em impossível estado de estase.

Para chegar à ideia de beiramovente, parti de uma condição contemporânea de existência de que estamos em queda vertical para um sem chão, ou *groundlessness*, como diz a artista e teórica sino-canadense Hito Steyrl. Para a autora, estamos caindo permanentemente e nem notamos, porque tudo cai conosco. Ela diz “cair é relacional” (STEYERL, 2017, p. 221).

Para desdobrar a queda vertical no estado beiramovente, fui pensada por autores jamaicanos, antilhanos, africanos, asiáticos, originários e um brasileiro: todos viveram a experiência da colonização e seus efeitos.

Descomeço, mais uma vez. Beiramovente se relaciona com o por vir de Jacques Derrida. Aliás, de certa maneira, reforça o estar beiramovente, pois Derrida é argelino, cresceu num país sob a colonização francesa e, aprendeu como língua mãe a do colonizador. No livro *Monolingüismo do Outro* ou prótese de origem pensa sobre sua condição. Cito Derrida

Ora jamais esta língua, a única que estou votado a falar, enquanto falar me for possível, e em vida e na morte, jamais esta língua única, estás a ver, virá a ser minha. Nunca na verdade o foi.  
Percebes assim a origem dos meus sofrimentos, uma vez que esta língua os atravessa de parte a parte, e o lugar das minhas paixões, dos meus desejos, das minhas preces, a vocação das minhas



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

esperanças. Mas não tenho razão, não, não tenho razão em falar de travessia e de lugar. Porque é *à beira* do francês, unicamente, nem nele nem fora dele, na linha inencontrável de sua costa que, desde sempre, para sempre, eu me pergunto se se pode amar, fruir, suplicar, rebentar de dor ou muito simplesmente rebentar noutra língua ou sem mesmo dizer nada a ninguém, sem falar sequer. (DERRIDA, 2001, p. 14)

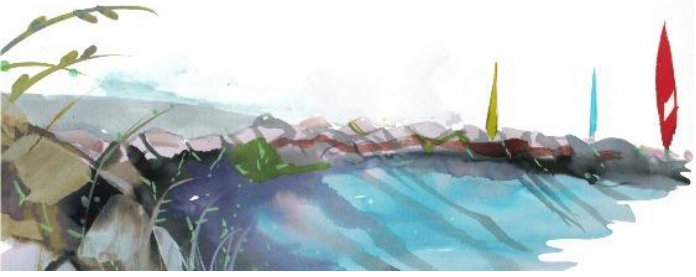
Estar à beira é a condição de possibilidade de viver daquele que já nasceu na colônia – caso de Derrida, que estudou francês junto com as outras crianças árabes-argelinas na escola. E como todo colonizado vive à beira, nem dentro nem fora da língua. Beiramovente. Como epígrafe do primeiro capítulo, Derrida cita o escritor martinicano Édouard Glissant, em seu livro *O discurso antilhano*, que aborda a questão da língua nos povos colonizados e que tomo a liberdade de citar aqui também, porque toca no mesmo ponto sensível sobre a língua do colonizador como a única língua possível.

A “falta” não reside no desconhecimento de uma língua (o francês), mas no não domínio de uma linguagem apropriada (em crioulo ou em francês). A intervenção autoritária e deliberada da língua francesa não faz senão reforçar os processos de falta.

A reivindicação apropriada desta língua passa portanto por uma revisão crítica da língua francesa da língua francesa (...). (GLISSANT apud DERRIDA, 2001, p. 10)

Na medida em que a domesticação pela língua francesa se exerce através de uma mecânica do “humanismo”, esta revisão poderia participar no que se chamaria um anti-humanismo.

Destomo, descomeço. Derrida duvida, coloca questões, transforma-se em adversário, em inimigo no interior daquela língua, na medida em que sua performance na língua será sempre contestada, jamais será um francófono francês, será sempre um estrangeiro [como eu aqui]. Quase. Como se. As palavras do vocabulário derridiano, nada é definitivamente, mas está sempre beiramovente. Em quase conceito. Por exemplo, o filósofo franco magrebino trabalha sempre com a ideia de quase conceito. Para ele, a ideia de conceito fecha, amarra, estabelece, ao passo que o quase



# extremos

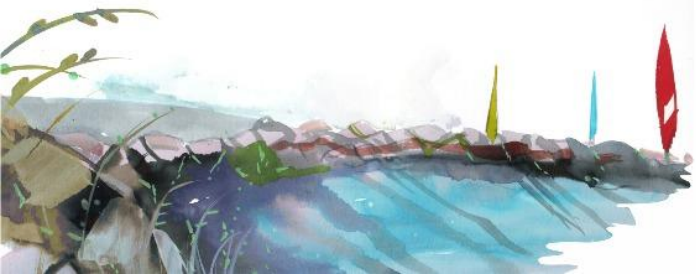
34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

conceito permite que a ideia possa se desdobrar. Assim pensa o quase conceito de por vir, assim mesmo, em duas palavras separadas, por e vir. Estar no por vir pressupõe estar sempre aberto, disponível ao que quer que venha, hospedar o que quer que venha. Para hospedar, é preciso acolher sem condição, abrir-se completamente ao outro, à coisa. Esse quase conceito se relaciona ao que ele chama de evento ou acontecimento, que são duas traduções diferentes para *évènement*. O autor franco-argelino diz que o evento jamais pode ser antecipado, jamais vem de frente, não pode ser antevisto, portanto. O evento vem de cima, pelos lados, de baixo, e chega surpreendendo. Daí termos que estar sempre abertos a hospedar o por vir. A noção de por vir pressupõem uma transformação no encontro com o evento, da surpresa ou da perspectiva. Os corpos implicados nesse encontro experimentam beiramento ou o horizonte de eventos.

Destomo. Glissant a quem Derrida se refere em *Monolingüismo do Outro*, defende a *Poética da Relação* como estratégia antirracista ou contracolonial. Enquanto em Derrida o mar é hífen, é o que separa. Glissant defende o que junta, a criouliização do mundo. Para ele, o oceano é abismo, é cemitério, é desterro. Como a água, que toma a forma que se quer.

E destorno mais uma vez, à Ariadne que foi abandonada na praia em Naxos por Teseu. Deusa da vegetação, ela cruzou o mar, para ser desterrada em Naxos. E assim que viu o Deus Dioniso chegar, apaixonou-se por ele. Como presente de casamento ele ofereceu a ela uma coroa luminosa, cravejada de pedras brilhantes. Quando o casal chegou à morada dos imortais, sua coroa, tornou-se uma constelação.

Descomeço beiramento como quando invento mundos e os dou a ver. Esta é a condição de possibilidade da existência do artista. Disse essa frase no início do texto. A experiência artística não diz, não apresenta, não representa. Ela se instaura, instaura mundos, se faz presente. Chega como evento, porque quando a experiência é capaz de atravessar quem a vive, ela surpreende. A experiência artística constitui-se como uma reflexão sobre o mundo, ou a produção de um mundo inventado, que



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

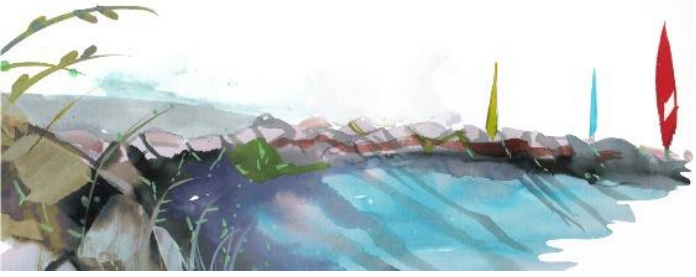
provoca deslocamentos, questionamentos, dúvidas. Estar na experiência artística é beiramovente.

Retomo. Volto à língua, que é mãe sem ser materna, e também é lei. A língua acolhe e hospeda sem condição o estrangeiro nela, mas não entrega o fio de Ariadne de sua linguagem dedálica, condena-o eternamente ao desterro. Dá, mas cria obrigações impossíveis. O imperialismo mostra sua perversão na obrigação do uso da língua.

Junito de Souza Brandão, em seu compêndio sobre mitologia grega, fala da história de Rei Minos, e a construção do labirinto para o Minotauro como condição perversa do humano que se torna poderoso. A injustiça despótica de Minos produziu em seu inconsciente o Minotauro e o labirinto, que propicia o raciocínio ilusório e alimenta a dominação perversa do Rei de Cnossos (BRANDÃO, 1987, p. 160-161).

Abismos. Grande Hotel Abismo, foi assim que o jornalista Stuart Jeffries intitulou o livro no qual conta que, enquanto o nazismo crescia na Alemanha, os pensadores e filósofos da Escola de Frankfurt, alheios e distantes à situação, discutiam sobre a natureza e a crise da sociedade de massas e sobre a política da cultura na Alemanha nazista. No lançamento do livro no Brasil, o psicanalista Vladimir Safatle chama a atenção para esse alheamento dos pensadores, enquanto parte da sociedade branca eliminava outra parte igualmente branca, vista como ameaça. O genocídio e o etnocídio como método. Retomado muitas vezes, como na Guerra de Kosovo, contra a população albanesa. Todas as mulheres albanesas, de bebês às velhas foram estupradas, o ventre de um território conspurcado. O poder como motor da perversão, à maneira do mitológico Minos.

Reatualizo. O estado branco e colonizador de Israel está, há um ano, eliminando a população palestina, de pele mais escura, orientais do meio, matando mulheres e crianças, de modo a que não nasçam mais – um genocídio. Como lembra o pensador e engenheiro ambiental martinicano Malcom Ferdinand sobre a colonização, o branco se inventa como Branco, superior aos outros com tom de pele diverso (FERDINAND,



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

2023, p. 23). A perversão dos dirigentes de Israel e dos soldados israelenses chega pelas redes sociais todos os dias, apresentando quase ao vivo o genocídio de uma população que, incrivelmente, continua resistindo. Motivo da guerra é extensão do território israelense e poder. Enquanto o mundo se choca e discute o genocídio/etnocídio, a guerra injusta continua, com o Estado de Israel sendo apoiado pelos Estados Unidos e por parte da Europa, aí incluída a Alemanha, que parece não ter vivido o nazismo. Esses países viram as costas, fingem não ver a barbárie, e se justificam por um alegado direito de defesa do Estado israelense. E não há água que limpe a sujeira do silêncio do mundo. O horror nos faz tremer. A perversão nos provoca beiramovente.

Abismos. Sentindo o fio de água escorrer inexoravelmente pelas mãos. Estar beiramovente à beira do abismo, lavando as palavras para que a escritura surja. Escrevi estas páginas com desvios, como se estivesse num labirinto, ou para que o labirinto surgisse delas, como escritura, afinal nelas tentei definir beiramovente. Mas esta definição é da ordem do impossível. Pela própria natureza móvel, instável do evento, ele é indefinível. Por isso as voltas por tantos corredores e câmaras, inundados por água corrente que levam na enxurrada as certezas e as palavras.

Como peixe no rio, sou beiramovente. E nado para o final de minha fala que encerro com um poema molhado de Wislawa Szymborska, Água:

Uma gota de chuva me caiu na mão  
extraída do Ganges e do Nilo,

da geada ascendia ao céu no bigodinho de uma foca,  
da água dos potes quebrados nas cidades de Ys e Tiro.

No meu dedo indicador  
o mar Cáspio é um mar aberto,

e o Pacífico flui dócil para o Rudawa  
o mesmo que flutuava como nuvenzinha sobre Paris

no ano de setecentos e sessenta e quatro



em sete de maio às três da manhã.

Não há bocas suficientes para proferir  
Teus nomes fugazes, ó água.  
Teria que te nomear em todas as línguas  
Enunciando ao mesmo tempo todas as vogais  
E simultaneamente silenciar – pelo lago  
Ao qual não coube nenhum nome

E que não existe na terra – como no céu  
Não há estrela nele refletida.

Alguém se afogou, alguém que morria te chamou.  
Foi há muito tempo e foi ontem.

Extinguias o fogo de casas, arrastava casas  
Como árvores, florestas como cidades.

Estava nas pias batismais e nas banheiras das cortesãs.

Nos beijos, nas mortalhas.

Roendo pedras, alimentando arco-íris.  
No suor e no orvalho das pirâmides, dos lilases.

Como tudo é leve numa gota de chuva.  
Com que delicadeza o mundo me toca.

O que quer que, quando quer que, onde quer que  
Se passou, está escrito na água de babel.  
(SZYMBORKA, 2016, p. 105)

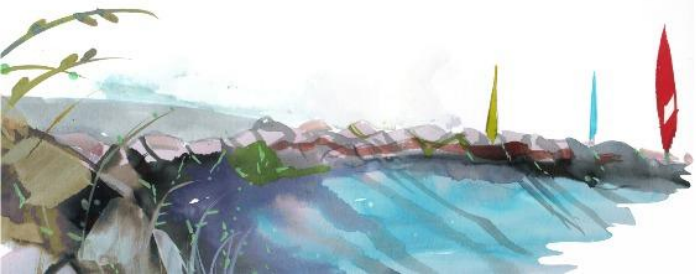
## Referências

BONA, Dénetèm Touam. *Cosmopoéticas do Refúgio*. Tradução Milena P. Duchiade. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2020.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega – Volume III*. Petrópolis: Vozes, 1987.

CASTRO, Viveiros de. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Ubu e N-1 edições, 2015.

DERRIDA, Jacques. *Signéponge = Signsponge*. Nova York: Columbia University Press, 1984.



\_\_\_\_\_. Margens da Filosofia. Tradução Joaquim Torres da Costa. Campinas: Papirus: 1991.

\_\_\_\_\_. O monolinguismo do outro ou a prótese de origem. Tradução de Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras – Editores, 2001.

\_\_\_\_\_. Otobiografias: o ensinamento de Nietzsche e a política do nome próprio. Tradução de Guilherme Cadaval, Arthur Leão Roder e Rafael Haddock-Lobo. Copenhague/Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2021.

FERDINAND, Malcom. Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho. Tradução Letícia Mei. São Paulo: Ubu, 2022.

GLISSANT, Édouard. Poética da relação. Tradução Marcela Vieira e Eduardo Jorge de Oliveira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

KOPENAWA, Davi, ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami. Tradução Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MOTEN, Fred. Ser Prete e ser nada (misticismo na carne. In: BARZAGHI, Clara et al (org.). Pensamento negro radical: antologia de ensaios. Tradução Allan K. Pereira... [et al]. São Paulo: Crocodilo e N-1 edições, 2021.

MOURA, Clóvis. Os quilombos e a rebelião negra. Feira de Santana: Editorial Adandé, 2024.

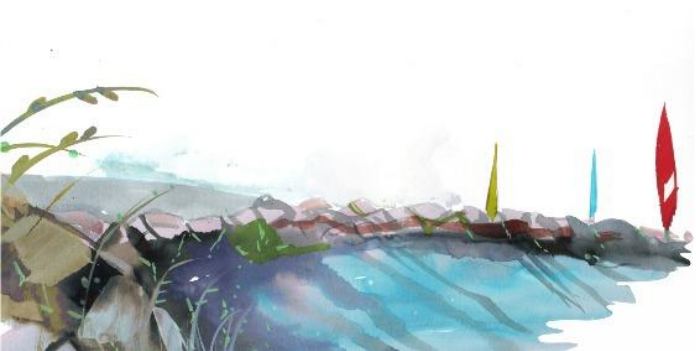
PONGE, Francis. À mesa. Tradução Ignacio Antonio Neis e Michel Peterson. São Paulo: Illuminuras, 2008.

STEYERL, Hito. Em queda livre: Uma (experiência-pensamento) sobre perspectiva vertical. Tradução Aline Mielli. Publicada em Revista Arte e Ensaios, nº 33, 2017.

SZYMBORSKA, Wislawa. Um amor feliz. Tradução de Regina Przybycien. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

## Notas

<sup>2</sup> Este texto é continuação de dois outros textos da autora: À mesa em abismo, de 2022, publicado na Revista Poésis, nº 40 e É da beira que estou, de 2024, este último conferência no Seminário Ao Rés do Corpo, do PPGCA/UFF.



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

---

<sup>1</sup> Elisa de Magalhães é artista visual. Professora da EBA/UFRJ, do PPGAV/UFRJ e do PPGARTES/UERJ. É Pós-Doutora em Bioética pelo PPBBIOS/UERJ, Pós-Doutora em Filosofia pelo PPGF/UFRJ e Pós-Doutora em Artes pelo PPGCA/UFF. Publicou o livro (o corpo na caixa) sobre sua pesquisa teórica em 2021, e o livro sobre parte de sua obra, organizado por Marcelo Campos, Nunhuma Ilha, em 2014. Mora e trabalha no Rio de Janeiro. E-mail: edemagalhaes@eba.ufrj.br; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6317-2227>